

Caminhão-Museu Sentimentos da Terra **Síntese dos textos e dos vídeos**

Texto e Vídeo 1 - *Legislação agrária no Brasil*, narrado por Regina Casé

Duração: 17 minutos

Apresentam os marcos legais de regulação da posse e uso da terra no Brasil Colônia e durante o Império e a República, ou seja: Sistema de Sesmarias, Lei de Terras, Estatuto da Terra e o I Plano Nacional de Reforma e Desenvolvimento Agrário. Esses marcos legais são contextualizados nos períodos imperial e republicano, além de serem discutidas as contribuições de tais marcos regulatórios para a política de concentração de terras predominante em todos os regimes políticos vivenciados no País.



Capa da revista *Veja* com o tema dos conflitos na terra.

Autor: Orlando Brito.

Fonte: *Veja*, 19 de jun. de 1985

Sobre a narradora

Nascida no Rio de Janeiro, Regina Casé é reconhecida nacionalmente por sua identificação com o povo e as periferias do País. Com um estilo irreverente, alegre e espontâneo de representar, Regina tem uma carreira de enorme sucesso como atriz no teatro e no cinema. Um de seus papéis marcantes foi no filme *Eu, Tu, Eles* (2000), no qual interpretou a boia-fria Darlene. Mas foi ao apresentar programas de Televisão, como o “*Brasil Legal*” (1994) e o “*Central da Periferia*” (2006), é que a atriz se tornou uma espécie de porta-voz dos anônimos e marginalizados de todos os cantos do Brasil. Sempre com muito humor, estes programas mostraram, em cadeia nacional, o universo rico e diverso daqueles que raramente apareciam na televisão. Com Regina Casé, o popular e o periférico se tornaram, enfim, o centro das atenções.

Texto e Vídeo 2 – *O sonho republicano e a luta pela terra no Brasil*, narrado por Chico Buarque

Duração: 16 minutos

Apresentam os projetos de organização social, política, econômica e cultural elaborados por intelectuais e políticos no final do século XIX, cujo eixo principal se organizava em torno da organização da posse e do uso da terra de forma diferenciada do modelo predominante no Brasil naquele período histórico: República como forma de governo; articulação entre ideias republicanas e construção de uma sociedade igualitária; República do Tagoahy, Grande Fatusim Nacional e Filadélfia de Mucuri. São discutidas as evidências de que a posse e o uso da terra em uma perspectiva menos concentradora já eram objeto de preocupação de políticos, intelectuais e empresários ainda no Brasil Império. Mostram também que esses projetos não impactaram a economia e/ou a direção das políticas públicas no sentido de institucionalizar ou alargar a discussão sobre a concentração de terras no País.



Viagem de barco no Rio Doce. Local: Vale do Mucuri.

Autor: Maximilian Wied-Neuwied.

Fonte: Revista *Nossa História*, n. 4, jan. de 2004, p.25. Direitos autorais restritos. Data: XIX.

Sobre o narrador

Chico Buarque foi uma das principais vozes no combate à ditadura militar. Em nenhum momento, deixou de emprestar seu canto à causa da liberdade. Nem a censura, nem a repressão o impediram de explicitar seu posicionamento político e seu gênio artístico. Em sua obra, Chico Buarque demonstra especial atenção ao tema da Terra e às condições de vida do trabalhador rural desde o início de sua carreira. Seu primeiro trabalho profissional foi a trilha sonora da peça *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, com destaque para a canção “Funeral de um lavrador”. Já em 1972, Chico Buarque cantou os perigos do sertão por meio de “Baioque”, canção que fez parte da trilha sonora do filme *Quando o carnaval chegar*, de Carlos Diegues. Em 1976, Chico Buarque compôs “Cio da Terra”, em parceria com Milton Nascimento, canção em que cultivar a terra se confunde com a renovação da própria vida humana. A parceria com Milton foi retomada em “Levantados do chão”, do disco *Terra*, que acompanha o livro homônimo de Sebastião Salgado, lançado em 1997, no primeiro aniversário do massacre de integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em Eldorado dos Carajás, no Pará. Nesse mesmo disco, Chico Buarque lançou “Assentamento”, canção que ressalta a disposição utópica e a capacidade de resistência demonstrada pelos homens do campo que se encontram longe de sua terra natal, nas periferias dos grandes centros urbanos ou em marcha em nome da Reforma Agrária.

Texto e Vídeo 3 – *As experiências socialistas e anarquistas no campo no Brasil*, narrado por Vera Holtz

Duração: 15 minutos

Os materiais evidenciam, por meio dessas duas experiências, a participação dos imigrantes no debate e na construção de um modelo de posse e uso da terra baseado em princípios de solidariedade e autonomia, bem como em uma estreita vinculação com um modelo social mais amplo. Observa-se que os materiais apresentam as experiências como projetos de ocupação do solo com princípios políticos vinculados a modelos de sociedade que deixaram marcas na história brasileira em termos da organização dos trabalhadores, bem como pelo fato de apontar formas concretas de viver na/da terra sob uma perspectiva de valorizar aqueles que nela trabalham.



Experiências socialistas no campo no séc. 19. Autor: Lewis Hine. Data: 1912.

Fonte: Acervo: Biblioteca do Congresso Americano.

Sobre a narradora

Vera Holtz é uma premiada atriz brasileira, cujos personagens são marcados por uma energia própria da atriz. Desde cedo, Vera Holtz apresentava um espírito inquieto e um desejo de mudança. A princípio, cursou a Faculdade de Desenho e Artes Plásticas em Tatuí-SP; mas logo percebeu que queria mais, então foi em busca de novos ares em São Paulo. Em 1973, começou a estudar Teatro na Escola de Arte Dramática (EAD) da Universidade de São Paulo. Este período representou um grande momento de amadurecimento para a atriz. A morte de Vladimir Herzog marca a sua tomada de consciência política e suscita a busca por uma reinvenção pessoal. Vera Holtz abandona o curso na EAD e parte para o Rio de Janeiro, onde se matricula na Escola de Teatro da Uni-Rio. Sua vida no teatro profissional começou com a peça *Rasga Coração*, de Oduvaldo Vianna Filho, com direção de José Renato, em 1979. Desde então, a atriz não parou mais e acumula uma larga experiência em teatro, televisão e cinema. No teatro, destacou-se como protagonista da peça *Pérola*, de Mauro Rasi, que ficou em cartaz de 1995 a 1999. Na televisão, participou de novelas como *“Que Rei Sou Eu?”* (1989), *“Vamp”* (1991), *“Por Amor”* (1997), *“Mulheres Apaixonadas”* (2003), *“Belíssima”* (2005) e *“Avenida Brasil”* (2012).

Texto e Vídeo 4 – *Canudos*, narrado pela cantora Maria Bethânia

Duração: 13 minutos

Os materiais apresentam os fatores que desencadearam a formação do Movimento de Canudos, seu desenvolvimento e extinção. Há evidências da ação violenta do Estado Brasileiro perante os movimentos sociais que traziam, em suas práticas, elementos que questionassem a forma de posse e uso da terra no País.



27º Batalhão de Infantaria nas trincheiras (4ª Brigada).

Local: Canudos, Bahia. Foto: Flávio de Barros.

Fonte: *Cadernos de Fotografia Brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Sales, 2002. Data: 1897. Acervo: IHGB.

Sobre a narradora

Ao longo de sua carreira, Maria Bethânia, baiana de Santo Amaro, vem percorrendo muitos caminhos de interpretação do Brasil. Nesta viagem, a cantora descortina um País crivado por vários rostos, diferenciadas feições, maneiras diversas de sentir o Brasil, refletidas a partir de nossa canção, poesia, artes plásticas, literatura ou teatro. Ao se perguntar “que cara tem o Brasil”, Maria Bethânia nos conduz a um passeio pela imaginação cultural e artística brasileira em que nos deparamos com um destino certo: o sertão. Por meio de canções como “Carcará”, “Eu vivo num tempo de guerra”, “Rosa dos ventos” e “Taturano”, a cantora apresenta um Brasil perdido nos mais recônditos e distantes lugares aos brasileiros. Por meio de discos como *Brasileirinho*, *Encanteria* e *Amor Festa Devoção*, entre vários outros, Maria Bethânia traça um percurso próprio que ilumina cenas da história do País, crenças, festejos, jeitos de ser e de se pensar a si mesmo e também o outro. Em meio a essa obra construída por uma multiplicidade de rumos e direções percorridas pela cantora, a presença popular se manifesta intensamente.

Texto e Vídeo 5 – *Margens da marcha para o Oeste*, narrado por Wagner Moura

Duração: 22 minutos

Conteúdos estruturantes: Política de colonização em áreas distantes implantadas no Governo Vargas, Batalha de Trombas e Formoso, Ação do Partido Comunista Brasileiro, Porecatu e Levante dos Posseiros de Pato Branco.

Argumentação central: os materiais evidenciam a organização, a resistência e a luta dos trabalhadores rurais nas regiões Oeste e Sul do País como experiências exitosas em termos da conquista de direitos com relação à posse e ao uso da terra, bem como a capacidade que estas formas organizativas demonstraram em termos de provocar a reação política e militar do Estado e dos latifundiários.



Pedro Salino e família. Levante de 57, Paraná.

Fonte: Arquivo/Acervo: *Correio da Manhã*/Arquivo Nacional.

Sobre o narrador

Criado às margens do rio São Francisco, na pequena cidade de Rodelas, sertão da Bahia, Wagner Moura é um dos grandes atores de sua geração. Consagrado em peças de teatro, telenovelas e filmes – principalmente nos fenômenos de bilheteria *Tropa de Elite* e *Tropa de Elite 2* –, o ator é reconhecido também por expor suas opiniões e por sua militância política. A começar por sua posição crítica em relação ao próprio fim da cidade na qual foi criado, inundada para a construção de uma hidrelétrica. Avesso às revistas de celebridades e àquelas que considera conservadoras e elitistas, Moura se declarou, também, favorável a causas como a Reforma Agrária, a defesa das florestas e o combate ao trabalho semelhante ao escravo e a violência policial. Em razão de causas como estas, o ator também se mobilizou firmemente em apoio a políticos que as defendessem.

Texto e Vídeo 6 – *Sindicalismo rural*, narrado por Dira Paes

Duração: 20 minutos

Conteúdos estruturantes: os materiais apresentam uma síntese das principais formas de organização dos trabalhadores rurais em torno da luta pela terra, a partir de meados do século XX às primeiras décadas do século XXI: Ligas Camponesas, Sindicatos Rurais, Reformas de Base no Governo João Goulart, resistência nos tempos da ditadura, Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e luta pela terra no século XXI.

Argumentação central: encontra-se no texto e no vídeo documentário um conjunto de informações que mostram a tensão entre grupos sociais e Estado na luta pela Reforma Agrária em meados do século XX até os tempos atuais. Evidencia-se a presença da violência como principal prática para dissolver as formas coletivas de luta, bem como a atuação de governos (Leonel Brizola e João Goulart) que, apesar de apresentarem projetos de Reforma Agrária e apoiarem os movimentos sociais, não conseguiram convencer/vencer as formas jurídicas, econômicas e políticas que estruturam o modelo da sociedade brasileira.



Ligas Camponesas, Governador Valadares, MG. Data: 1964.

Acervo: Agência Estado.

Sobre a narradora

A paraense Dira Paes é reconhecida como uma das maiores atrizes brasileiras da atualidade. Meio índia, meio negra, Dira ficou marcada por interpretar papéis de mulheres guerreiras ligadas à terra, como a índia Kachiri, no filme *Floresta de Esmeraldas* (1985) – seu primeiro papel no cinema –, e como a cangaceira Dadá, do filme *Corisco & Dadá* (1996). Consagrada por sua versatilidade e talento, que já lhe rendeu quatro prêmios “Candango” de atriz no Festival de Cinema de Brasília, Dira se notabiliza, também, por se dedicar a causas sociais, defendidas pela Organização Não Governamental que dirige, a Movimento Humanos Direitos. Deste modo, ela se tem mobilizado em prol de questões caras ao seu Estado e País, como a erradicação do trabalho semelhante ao escravo, a preservação do meio ambiente e a demarcação de terras dos povos e comunidades tradicionais.

Texto e Vídeo 7 – *Marchas pela terra*, narrado por Caio Blat

Duração: 20 minutos

Conteúdos estruturantes: os materiais apresentam como trabalhadores sem-terra e pessoas atingidas pela construção de barragens no País se mobilizaram sob a forma de marchas, ocupações, acampamentos e atos públicos para garantir seus direitos no contexto das lutas agrárias no Brasil desde meados do século passado. Estão retratados nos textos uma síntese histórica do surgimento, organização, conquistas e evolução do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), do Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB) e das Romarias da Terra.

Argumentação central: demonstra-se nos textos que religiosidade popular e formas de mobilização e organização política se entrelaçaram na luta pela terra, rompendo com a submissão e com o controle que os poderosos sempre buscaram impor aos trabalhadores rurais. Extrai-se dos textos que, por meio de marchas e instrumentos de mobilização, os trabalhadores rurais sem-terra, os que vivem da terra ou dela foram expulsos adquiriram maior visibilidade perante a sociedade e o governo na luta pela conquista da terra, assim como os direitos à educação, à saúde, à infraestrutura, ao meio ambiente saudável e à cidadania. Além disso, ressalta a importância das Romarias da Terra nesta caminhada ao lado da população do campo e da cidade.



Trabalhadores rurais em ocupação de terra na fazenda Nazaré no Sul do Pará.

Foto: João Roberto Ripper / Imagens Humanas. Data:1993.

Sobre o narrador

Caio Blat é um dos atores mais respeitados e admirados de sua geração. Seus trabalhos incluem atuações na televisão, no cinema e no teatro. Entre as várias novelas e minisséries em que já atuou, estão: “Éramos Seis” (1994), “Chiquinha Gonzaga” (1999), “Da Cor do Pecado” (2004), “Amazônia, de Galvez a Chico Mendes” (2007) e “Lado a Lado” (2012). Caio Blat é um grande defensor do cinema nacional e suas escolhas profissionais se refletem em seu interesse por temas que suscitem o debate, expondo princípios políticos ou questionando certos valores sociais ao tratar de assuntos polêmicos. No cinema, interpretou personagens em filmes como *Lavoura Arcaica* (2001), dirigido por Luiz Fernando Carvalho, que aborda o tema do incesto; *Carandiru* (2003), de Hector Babenco, que narra o massacre ocorrido no presídio de mesmo nome, em 1992; *Baixio das Bestas* (2006), de Claudio Assis, que trata sobre exploração sexual e prostituição; *Batismo de Sangue* (2007), de Helvécio Ratton, em que o ator interpreta Frei Tito, uma das vítimas da ditadura militar no Brasil; e *Xingu* (2011), de Cao Hamburger, que relata a expedição dos irmãos Villas-Bôas e a criação do Parque Indígena do Xingu.

Texto e Vídeo 8 – *Repressão e violência no campo*, narrado por Marcos Palmeira

Duração: 28 minutos

Conteúdos estruturantes: os materiais apresentam as formas repressivas que o Estado e os grandes proprietários de terra utilizaram contra os trabalhadores rurais sem-terra, principalmente a partir da década de 1960 até a primeira década do atual século. Assim, expõe-se nos textos uma breve história da extrema repressão que se abateu sob os trabalhadores rurais, em especial, na Guerrilha do Araguaia, conflito armado ocorrido entre camponeses e o braço repressivo do regime autoritário instalado a partir de 1964; a Luta dos Povos da Floresta, que teve, entre seus mártires, Chico Mendes e inúmeros outros trabalhadores rurais, nos anos de 1970 e, por fim, o assassinato de líderes religiosos e populares em diversas regiões do País.

Argumentação central: os textos nos informam que o contexto político brasileiro, a partir da instalação do regime autoritário de 1964, passou a tratar a questão agrária no Brasil sob uma ótica repressiva, com o uso de aparatos e forças militares e paramilitares, com evidente favorecimento às grandes empresas agrárias e o estímulo à violência dos grandes proprietários contra as lideranças e os movimentos dos trabalhadores sem-terra.



Chico Mendes e família. Foto: Homero Sergio.
Fonte:Acervo: Folhapress.

Sobre o narrador

Reconhecido nacionalmente por seus grandes papéis na televisão, Marcos Palmeira de Paula também se notabilizou por seu engajamento em causas socioambientais. Protagonista de telenovelas que marcaram época, como “Pantanal” (1990) e “Renascer” (1993), consagrou-se igualmente no cinema, o que já lhe valeu a premiação nos festivais de Gramado e Brasília. O ativismo de Marcos Palmeira pela causa indígena se iniciou ainda na adolescência, a partir da convivência com os Xavantes em São Pedro, Mato Grosso. O seu apoio à recuperação dos territórios desse povo está documentado no filme Expedição A’Uwe - A volta de Tsiwari (2004), que deu origem à série de TV A’Uwe, programa semanal inteiramente dedicado às diferentes etnias indígenas brasileiras. Também produtor de alimentos orgânicos, Marcos Palmeira presta assistência a diversos projetos sustentáveis espalhados pelo Brasil.

Texto e Vídeo 9 – *Cultura e educação no campo*, narrado por José Wilker

Duração: 16 minutos

Conteúdos estruturantes: os materiais apresentam as experiências e as políticas em defesa de uma educação de qualidade no campo, com fins à elevação da consciência política e organizacional dos trabalhadores rurais. Assim, desde 1960, sucintamente, vê-se como surgiram e se desenvolveram o Movimento de Educação de Base (MEB), o Movimento de Cultura Popular (MCP), o Centro Popular de Cultura (CPC), ligado à União Nacional dos Estudantes (UNE), bem como a ação da UNE na defesa de uma educação de qualidade. Argumentação central: expõe-se que a realidade agrária brasileira era caracterizada por altos índices de analfabetismo, de mortalidade infantil e desnutrição, entre outros indicadores de ausência de cidadania. Em face de tal diagnóstico, a educação da população do campo passou a ser vista como instrumento essencial no combate ao subdesenvolvimento rural e meio pelo qual se poderia realizar a revolução social brasileira, com a formação de alianças entre setores progressistas urbanos e a população rural alfabetizada.



Sobre o narrador

José Wilker é um consagrado ator de televisão, cinema e teatro, reconhecido pelo público e também pela classe artística como um dos maiores atores deste País. O cearense José Wilker inicia a carreira de ator no começo dos anos 1960, em Recife, Pernambuco. Sua trajetória teatral é marcada neste começo por um teatro político e engajado, junto com o Movimento de Cultura Popular (MCP). Este movimento trabalhava para a conscientização política da classe operária por meio da alfabetização e da cultura popular, seguindo a linha do político Miguel Arraes. Após o Golpe Civil-Militar, em 1964, o MCP entra na ilegalidade e o ator muda-se para o Rio de Janeiro. Com um grupo de amigos, funda o Grupo Chegança, no qual atua durante quatro anos em montagens como *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. No Grupo Opinião, em 1968, atua em *Antígona*, de Sófocles, dirigida por João das Neves. Em 1970, recebe o Prêmio “Molière” por sua atuação na peça *O Arquiteto e o Imperador da Assíria*, de Fernando Arrabal. Hoje, José Wilker acumula memoráveis papéis tanto no teatro, quanto na televisão ou no cinema. Na TV, deu vida a personagens em novelas como “*Gabriela*” (1975), “*Roque Santeiro*” (1985), “*O Salvador da Pátria*” (1989), “*Senhora do Destino*” (2004), e em minisséries como “*Anos Rebeldes*” (1992) e “*JK*” (2006). No cinema, atuou em filmes como *Dona Flor e seus Dois Maridos*, de Bruno Barreto (1976); *Bye, Bye Brasil*, de Cacá Diegues (1979) e *Guerra de Canudos*, de Sérgio Rezende (1997).

Texto e Vídeo 10 – *Quilombolas*, narrado por Gilberto Gil

Duração: 21 minutos

Conteúdos estruturantes: os materiais apresentam a trajetória histórica da diáspora negra, expressa pelo tráfico e escravização da população africana no Brasil. Em resposta à escravização, os africanos criaram inúmeras formas de combate e negação do escravismo por meio da instalação de núcleos de povoamento livre no interior do Brasil, conhecidos como quilombos, e como tal forma de organização social se perdurou desde os tempos coloniais até os nossos dias.

Argumentação central: com o passar dos tempos e o fim da escravidão, os moradores remanescentes dos quilombos passaram a reivindicar o título de propriedade das terras nas quais seus ancestrais tinham a posse desde séculos atrás. Nas lutas que se travaram, algumas conquistas legais foram relevantes para os brasileiros de descendência quilombola, como o direito garantido pela Constituição de 1988 às terras dos seus ancestrais, o reconhecimento de heróis e líderes negros contra a escravidão, como Zumbi dos Palmares, declarado herói nacional e com data comemorativa nacionalmente – Dia da Consciência Negra.



Escrava Anastácia (Camila).

Fonte: Arquivo: Comunidade Quilombolas dos Arturos, MG.

Sobre o narrador

O primeiro contato de Gilberto Gil com o universo das canções aconteceu durante a infância em Ituaçu, pequena cidade no interior baiano. A essa época, Gilberto Gil conheceu de perto as expressões musicais típicas do sertão, como as cantorias dos cegos, repentistas e violeiros nas feiras, além dos dobrados tocados pelas bandinhas nas festas juninas e da riqueza cultural advinda da ancestralidade africana. Através do rádio, transmitido por um sistema de alto falantes muito comum nas cidades do interior, Gil conheceu o baião de Luiz Gonzaga e as canções praieiras de Dorival Caymmi. Ao longo de sua carreira, o cantor construiu um repertório marcado por uma ampla variedade de ritmos, como o samba, a bossa-nova, o pop, o rock e o reggae. Mesmo com todas as tendências rítmicas e a riqueza melódica que lhe é peculiar, Gilberto Gil manteve-se fiel, também, às antigas referências da infância. Assim como a música, o compositor traz consigo o conhecimento da dura realidade do mundo rural brasileiro com suas desigualdades sociais, a exploração do trabalho, a seca, o coronelismo, a dificuldade do acesso à terra e os movimentos de migração, mas também a resistência, a indignação, a revolta e a capacidade de mobilização política do povo brasileiro diante das adversidades. Seja com artista, seja como Ministro da Cultura, cargo que ocupou entre 2003 e 2008, Gilberto Gil é um dos grandes defensores e divulgadores da cultura negra no Brasil.

Texto e Vídeo 11 – *Indígenas*, narrado por Leticia Sabatella

Duração: 20 minutos

Conteúdos estruturantes: os materiais apresentam a trajetória histórica e os impactos para os indígenas brasileiros com a chegada do homem branco desde o século XVI, quando aqui portaram os europeus. Os textos nos mostram os primeiros anos de convivência entre a população indígena e o europeu, bem como as guerras que se seguiram com o desenvolvimento da atividade econômica exportadora que o branco colonizador passou a incrementar no País, bem como os direitos e garantias legais que lograram conquistar no regime republicano.

Argumentação central: vê-se nos textos que, por força da atividade econômica colonial, com as grandes plantações exportadoras, milhares de indígenas foram escravizados e outros tantos, expulsos de suas terras. Os índios sofreram ainda o impacto cultural da ação dos padres jesuítas, sendo cristianizados e forçados a aceitar a fé católica. O ataque à cultura e ao modo de vida indígena perpassou todo o período colonial, atravessou o regime imperial e chegou até mesmo ao regime republicano, embora neste algumas ações de defesa e proteção dos índios brasileiros tenham sido implementadas, tais como: o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), criado em 1910 pelo indigenista Marechal Rondon; as ações dos irmãos Villas Boas com a expedição Roncador/Xingu, em 1943; a criação do Parque Nacional do Xingu, em 1961; a criação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que substituiu o Serviço de Proteção ao Índio; e com a Constituição de 1988, o reconhecimento do direito à posse das terras onde sempre moraram.



“Capa: O protesto de Gildo Terena contra a repressão da PM baiana durante as manifestações dos 500 anos em Porto Seguro (BA). Foto de Valter Pontes. [sumário]”. Autor: Valter Pontes.

Data: 22 de abril de 2000. Local: Porto Seguro (BA).

Fonte: *Revista Sem terra* – ano III, n. 11 abr./maio/jun. 2000.

Sobre a narradora

Leticia Sabatella, mineira de Belo Horizonte, não é admirada somente pela sua beleza, mas também por seu talento como atriz e sua postura como cidadã. A atriz busca usar a sua imagem pública em defesa de causas e princípios em que acredita. Sua postura e seu engajamento político são marcas de sua personalidade, por isso apoia e participa de diversas atividades sociais e ambientais. É defensora do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Possui um sítio em Cachoeiras de Macacu, no Rio de Janeiro, onde participa de associação de agricultores orgânicos. Sua consciência política também está em seu trabalho. Em 2012, lançou o documentário *Hotxuá*, dirigido em parceria com Gringo Cardia, sobre os palhaços sagrados da aldeia dos índios Krahô, no Tocantins. A atriz, com mais de vinte anos de carreira, já incorporou diversos personagens. Trabalhou em novelas como “O Dono do Mundo” (1992), “Irmãos Coragem” (1995), “O Clone” (2001) e “Caminho das Índias” (2009), e em minisséries como “Agosto” (1993), “A Muralha” (2000), “Hoje é Dia de Maria” (2005) e “JK”

(2006). No cinema, atuou em filmes como O Tronco (1999), baseado no livro de Bernardo Élis; Romance (2008), dirigido por Guel Arraes; e Amazônia Caruana (2010), de Tizuka Yamasaki.

Créditos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROJETO REPÚBLICA: NÚCLEO DE PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA

COORDENAÇÃO GERAL - UFMG

Heloisa Maria Murgel Starling

CAMINHÃO-MUSEU - UFMG

Coordenadora geral

Heloisa Maria Murgel Staling

Coordenadora do projeto

Pauliane de Carvalho Braga

Criação , Design e Direção dos Vídeos

Gringo Cardia

GOVERNO FEDERAL

DILMA ROUSSEFF

Presidenta da República

PEPE VARGAS

Ministro de Estado do Desenvolvimento Agrário

LAUDEMIR ANDRÉ MULLER

Secretário Executivo do Ministério do Desenvolvimento Agrário

CARLOS MÁRIO GUEDES DE GUEDES

Presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

VALTER BIANCHINI

Secretário de Agricultura Familiar

ANDREA BUTTO ZARZAR

Secretária de Desenvolvimento Territorial

ADHEMAR LOPES DE ALMEIDA

Secretário de Reordenamento Agrário

SÉRGIO ROBERTO LOPES

Secretário de Regularização Fundiária na Amazônia Legal

ROBERTO NASCIMENTO

Diretor do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural

JOÃO GUILHERME VOGADO ABRAHÃO

Coordenador Executivo do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural